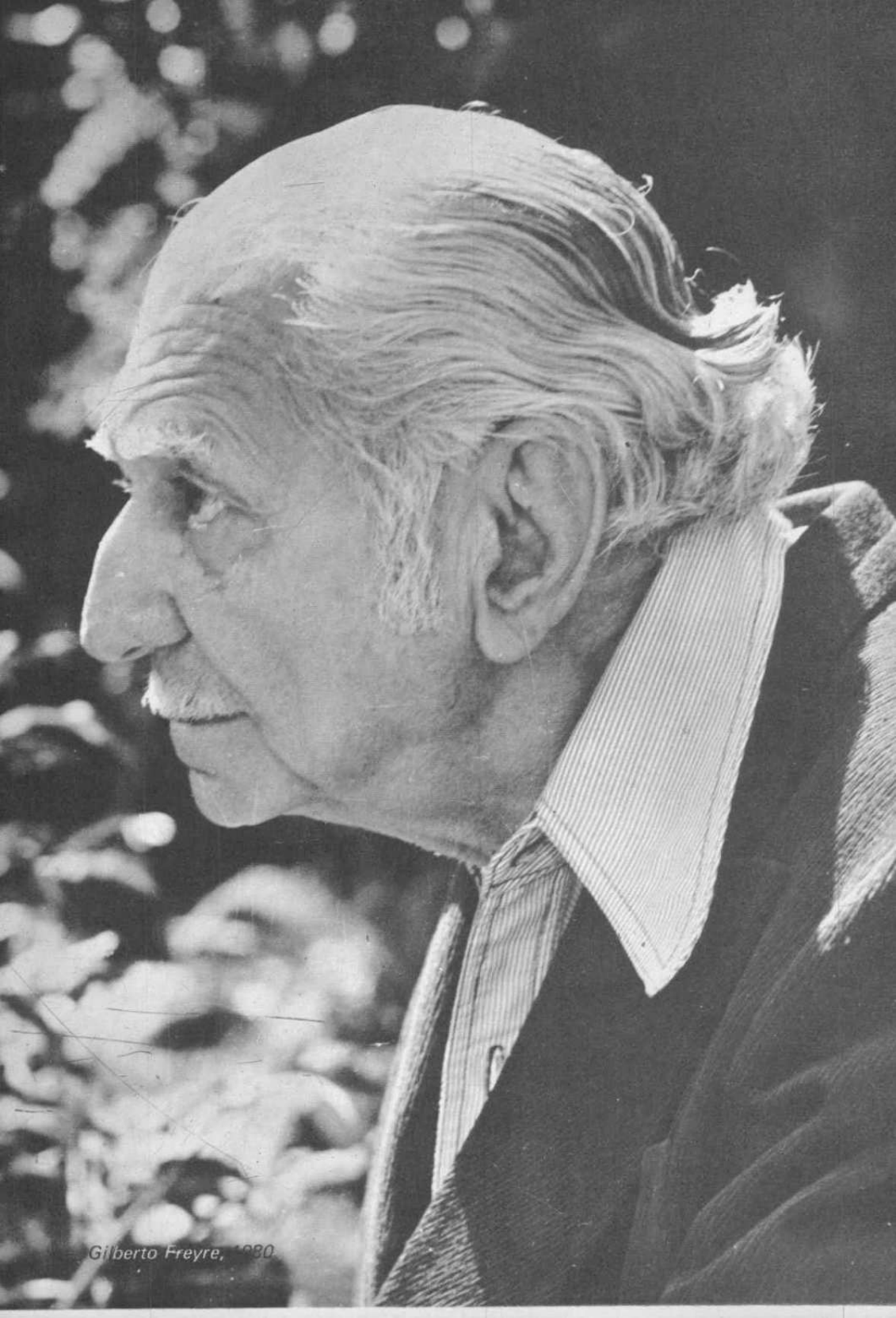

Gilberto Freyre, 1980

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Sobrados e Mucambos

SOBRADOS E MUCAMBOS

Octávio Tarquinio de Sousa

Artigo publicado em *O Jornal* (Rio de Janeiro), onde o autor exerceu a crítica literária semanal de 1935 a 1937. Nascido (1889) e falecido (1959) no Rio de Janeiro, Octávio Tarquinio de Sousa foi um dos maiores historiadores brasileiros, tendo escrito biografias modelares, posteriormente reunidas na obra *História dos fundadores do Império do Brasil* (1954).

O aparecimento há dois anos de *Casa-Grande & Senzala* pôs de repente o nome do sr. Gilberto Freyre na maior evidência. Se para os que o conheciam mais de perto, o livro não foi nenhuma surpresa, para o grande público a impressão foi realmente de espanto. Espanto, na significação de acontecimento inesperado ou excedendo a qualquer expectativa.

Em verdade, *Casa-Grande & Senzala* constituía em nosso meio qualquer coisa de novo, ao mesmo tempo de uma seriedade científica a toda prova, de uma originalidade marcada e de uma beleza literária perfeitamente compatível com a matéria do livro.

O sr. Gilberto Freyre estudava a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal e, embora senhor dos métodos sociológicos mais seguros e a par das mais recentes pesquisas, não só no campo propriamente sociológico, como no antropológico, no econômico, no histórico, fazia-o sem sombra de pedantismo, sem ar doutoral, sem sobrecasaca: num tom fácil de conversa ou despretensioso de crônica, servindo-se de seus estudos especializados como de uma coisa efetivamente incorporada ao seu patrimônio intelectual e por isso mesmo movendo-se neles com a maior familiaridade.

Disso mesmo provinham certamente os raros defeitos do livro: uma espécie de desarrumação mais aparente do que real, certas repetições, a retomada de pontos de vista já apreciados, voltando à tona por força dos três pontos de

partida no exame da formação da família brasileira: o indígena, o colonizador português, e o escravo negro.

Mas o que era porventura defeito quase material de organização do livro, redundava em seu favor no aspecto propriamente literário: dava-lhe força, dava-lhe maior espontaneidade, permitia que a ele se transmitisse um poderoso sopro lírico.

Em *Sobrados* e *Mucambos,* o sr. Gilberto Freyre continua o estudo anterior colocado no mesmo centro de interesse — a casa. No primeiro livro era a síntese casa-grande e senzala, o senhor e o escravo, suas distâncias sociais, seus antagonismos e também suas acomodações: neste, com a decadência do patriarcado rural, as distâncias sociais diminuindo, os antagonismos se atenuando e uma maior acomodação se verificando. E tudo isso em torno da casa e mais ainda dentro da casa, num "ponto de vista quase proustiano", como declarou no prefácio, roteiro do livro. E' a reconstituição dos aspectos mais íntimos da história social da família brasileira, baseada nos processos de subordinação e acomodação de raças, religiões e culturas: a reconstituição que bem se pode chamar de ressurreição, tal o poder evocativo do livro, a força pictórica do escritor.

Em *Sobrados e Mucambos* não haverá os grandes painéis de *Casa-Grande & Senzala* , os quadros perdem em tamanho, mas ganham, se possível, em precisão de minúcias, em nitidez de contornos.

Reconstituição para a qual o sr. Gilberto Freyre se decidiu proustianamente a investigar a casa em todos os seus mistérios, todos os seus meandros, todos os seus hábitos, em tudo que se passava dentro ou em torno dela, nos mais íntimos detalhes, nos mais secretos, ainda nos que habitualmente se dissimulam e escondem, ardendo em cócegas de pôr o ouvido nas portas, ficar de espreita, olhar pelo buraco das fechaduras, entrar de sopetão pelos sobrados, surpreendendo a vida nos seus flagrantes. O mesmo nos mucambos.

No afã de tudo descobrir, nada escapou da casa à curiosidade do sociólogo: a arquitetura, a divisão interior, o pátio, o jardim; o material de construção e as influências sobre a saúde: a disposição dos cômodos. E como se vivia na casa, a alimentação, o vestuário, o banho, a indumentária, sem esquecer como se cuspia, como se palitava os dentes: todos os estilos de vida, todos os padrões de cultura.

Até o que o gato fazia, o papel do cão.

A cópia do material recolhido foi realmente extraordinária e material "ainda virgem ou quase esquecido: arquivos de família, livros de assento, atas das Câmaras, livros de ordens régias e de correspondência da Côrte, teses médicas, relatórios, coleções de jornal, de figurinos, de revistas, estatutos de colégios e recolhimentos, almanaques". E ainda diários e livros de viagens de estrangeiros.

Resumindo tudo isso, tirando de tudo isso os elementos mais expressivos, descobrindo aqui e ali as pegadas do negro, as impressões digitais do branco e do mulato, recolhendo o hálito de vida de que se impregnaram tantos desses documentos, reavivando o calor humano dos testemunhos, dando movimentos, côr, voz, animação a todos esses depoimentos, recolhendo os echos do passado próximo ou remoto, o sr. Gilberto Freyre fez obra de história social no sentido mais rigoroso de técnica sociológica e ao mesmo tempo fez obra de arte.

Numa autocrítica escrupulosa, o autor diz no prefácio que o seu trabalho tem defeitos de distribuição de material, repetições, a matéria de um capítulo transborda no outro: e lembrando uma observação de João Ribeiro a propósito de *Casa-Grande & Senzala,* declara que será também aplicável a *Sobrados e Mucambos:* não concluir: sugerir mais do que afirmar.

Não sei se são muito patentes os defeitos de distribuição de material: mas há repetições, transbordamentos de um capítulo em outro e muita prudência em concluir e afirmar.

As repetições creio que serão o defeito de uma qualidade: o dom do professor, a necessidade didática de se fazer bem compreendido; os transbordamentos em nada prejudicam o livro, graças à sua grande unidade, resultante do mesmo critério interpretativo e dos mesmos métodos invariavelmente aplicados; e quanto a não concluir e afirmar pouco — é porque o sr. Gilberto Freyre gosta de pisar firme e quer ser o mais objetivo possível. Mas sabe sugerir tanto com uma força tal e persuasão, que, sem concluir e afirmar, esclarece e convence.

Sugerindo apenas, ele nos mostra como a paisagem social do Brasil se foi modificando no sentido de uma urbanização crescente acentuando-se com a chegada de D. João VI o desprestígio da aristocracia rural.

Continuou, é certo, por um lado o período anterior de integração, consolidando-se a sociedade brasileira com um Governo mais forte, uma justiça mais independente e uma Igreja mais consciente da sua missão. Por outro, porém, verificou-se uma maior diferenciação, caracterizada por uma absorção menos intensa do filho pelo pai, da mulher pelo homem, do indivíduo pela família, da família pelo chefe, do escravo pelo proprietário.

Acastelado no "seu centro de interesse", no lugar mais importante da adaptação do homem ao meio que é a casa, o sr. Gilberto Freyre conta como a Praça foi aos poucos vencendo os Engenhos, as populações se concentrando em vez de se disseminarem por latifúndios improdutivos. E não esquecendo o que representou a mulher como fixadora de civilização, aristocratizando a vida, dando-lhe dignidade, estabelecendo padrões de conforto.

Com a decadência do patriarcalismo, as distâncias sociais foram se ate-

nuando, os antagonismos diminuindo. Por exemplo, o que havia entre o pai e o filho, entre o homem e o menino.

Ou então se transformaram, prolongando-se na rivalidade entre o homem moço e o homem velho.

Nos tempos patriarcais, homem e menino viviam socialmente afastados, não se comunicavam. E se na casa-grande isso se dava, a educação que os meninos recebiam nos únicos colégios de então, que eram os dos padres, em nada concorria para modificar o estado de coisas. Ao contrário, às crianças não se deixava nenhuma iniciativa, sufocando-se o que pudesse haver nelas de espontâneo.

Notando esse tato , o sr. Gilberto Freyre nem por isso deixa de reconhecer amplamente a ação civilizadora dos seminários e colégios de padres, no sentido de integração, de gosto,de disciplina, de ordem e de universidade. Os alunos de colégios de padres transformados em elementos de urbanização e fazendo predominar o espírito europeu e citadino sobre o agreste e rural.

Também graças aos colégios de padres os excessos de diferenciação da língua portuguesa não chegaram a corrompê-la de todo, salvando a sua unidade.

Onde a diferenciação chegou por vezes a extremos foi nos sexos, homem e mulher em pólos opostos; o homem, sexo forte; a mulher, sexo fraco, Salvo exceções — e não foram poucas no nosso patriarcalismo — a mulher viveu reclusa, a sua debilidade foi cultivada. E sobretudo não se quis ou se evitou a sua colaboração de elemento estabilizador, o seu gosto pelo concreto, as suas qualidades práticas.

No capítulo em que trata das relações e da posição do homem e da mulher na sociedade brasileira, e que é dos mais originais do livro, o sr. Gilberto Freyre, notando a falta dessa salutar influência feminina, atribui o nosso romantismo jurídico à "maneira excessivamente masculina de encarar problemas sociais e de administração" e insinua como teria sido benéfica a intervenção da mulher, com as qualidades de tato, de intuição, de realismo que a distinguem, se os homens não a escorraçassem da sua intimidade intelectual. Observação profundamente verdadeira. Quem quer que penetre um pouco na intimidade do nosso passado ou tente reconstituir qualquer de suas figuras, terá a confirmação. Agora mesmo, em estudo que empreendi acerca de um dos nossos homens mais interessantes e menos conhecidos do grande público, sinto a cada passo a ausência do influxo feminino, no sentido de colaboração esclarecedora, retificadora dos excessos teóricos e do pendor para as generalizações.

Folgo em encontrar em *Sobrados e Mucambos* uma defesa, não sentimental ou piegas, mas apoiada em provas da melhor procedência da colonização portuguesa no Brasil, em que se deixa patente a plasticidade do português,

"aquele seu jeitão único, maravilhoso, para transigir, para adaptar-se, criar condições novas e especiais de vida"; e a justiça feita aos governadores coloniais, "quase sempre ao lado do novo contra os magnatas", homens de coragem dedicados ao bem público.

Com a decadência do patriarcalismo rural, com o crescente predomínio do sobrado, com o aparecimento do mucambo, com a urbanização, foi se verificando uma maior diferenciação e ao mesmo tempo uma melhor acomodação. Surgiram o bacharel e o mulato esboçados desde os últimos tempos coloniais, já muito salientes na Inconfidência Mineira e nas revoluções pernambucanas e triunfantes afinal na sociedade do século XIX.

Com essa ascensão coincidiu a re-europeização do Brasil. Perdendo em grande parte a paisagem social o seu aspecto asiático-mourisco-africano novos estilos, novos padrões de vida se impuseram

Nem sempre a europeização se operou em sentido favorável, isto é, de melhor adaptação às condições do meio.

O símbolo da europeização imprópria e inconveniente pode ser a sobrecasaca, que abafou Pedro II e os seus estadistas, os seus magistrados, os seus professores, todo o mundo que não era pé rapado. Sobrecasaca moral, que significava fuga da realidade, que fazia aceitar as idéias, os sistemas políticos, as criações européias sem a mais leve preocupação de sua viabilidade entre nós.

Mas a ascensão do mulato pode ser apontada como típica da formação social brasileira, com as suas possibilidades de transigência, de acomodação, de encontro sem choques, de culturas e raças.

Tem toda a razão o sr. Gilberto Freyre quando afirma que o característico mais vivo do ambiente social brasileiro é hoje a reciprocidade entre as culturas, tornando mais rápida e possível do que em qualquer outro país a ascensão de indivíduos de uma classe a outra, de uma raça a outra.

O que é preciso é que saibamos nos libertar dos preconceitos étnicos para não cairmos no ridículo infinito dos racismos de outras terras e por outro lado que não resvalemos no erro paralelo de tudo encararmos pelo "critério simplista de pura luta de classes".

Esta é, talvez, a grande lição deste livro magistral.